

CEDI - P.I.B.
DATA 02 10 87
OD. 0MD43

MINISTÉRIO DO INTERIOR
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI

PROC. N.º 909/81
FLS. 52
RUBRICA

I N T R O D U Ç Ã O

O presente relatório tem por finalidade reestudar* as Áreas Indígenas Poyanáwa, Nukini, Jaminawa e Campinas, conforme Portaria nº 1619/E de 30 de janeiro do corrente ano.

O Grupo de Trabalho saiu de Rio Branco, Capital do Estado do Acre, no dia 06 de fevereiro, sendo composto pelo antropólogo José Carlos Levinho; o engenheiro agrimensor Aúreo Araújo Faleiros; o engenheiro agrônomo Luiz Carlos Nogueira da Silva e o técnico agrícola Reginaldo da Costa Santos, em avião da empresa VARIG/CRUZEIRO, às 11h 30min, com destino a cidade de Cruzeiro do Sul, AC. Logo que chegamos, às 12h 30min do mesmo dia, dirigimo-nos à sede do INCRA, com o objetivo de iniciar os levantamentos documental e cartográfico das áreas em estudo, sendo incorporado à equipe o técnico agrícola Leonardo Pacheco do Projeto Fundiário Alto Juruá. Permanecemos na cidade 03 dias, quando entramos em contatos com o FUNRURAL, PROJETO RONDON, 7º BEC, SUCAM, SECRETARIA ESTADUAL DE SAÚDE, PREFEITURA MUNICIPAL DE CRUZEIRO DO SUL e LBA, a fim de obtermos informações sobre a atuação dos mesmos junto aos índios da região. Paralelamente, realizamos os preparativos para a viagem ao Grupo Indígena NUKINI, situado no Alto Rio Mõa (afluente do Juruá), único meio de acesso à área.

Fretamos um barco com motor da 9HP, com capacidade para 4 toneladas.

* em 1977, a antropóloga DELVAIR MELATTI realizou a eleição das Áreas POYANÁWA, NUKINI E YANINAWA e o antropólogo ALCEU COTIA da A.I. CAMPINAS.

Na manhã do dia 09 de fevereiro começamos a viagem, prevista inicialmente para ser realizada em 03 dias, no entanto, devido a problemas mecânicos, foram necessários mais. No dia 14 de fevereiro chegamos no Seringal República onde vivem os NUKINI. A nossa permanência na área foi de 06 dias. Descemos o rio Mõa no dia 20 de fevereiro, até a confluência com o Paranã do Japiin, local de morada dos Poyanãwa. Foram gastos 02 dias na realização da viagem. Ao chegarmos na área, no dia 22 de fevereiro, iniciamos os trabalhos que foram concluídos em 06 dias (dia 27), quando seguimos de carro, cedido pela Prefeitura de Mâncio Lima, durante 01h 30min, através de uma estrada vicinal (43 km) até o Município de Cruzeiro do Sul.

Quatro dias depois, em 19 de março, saímos para a A.I. CAMPINAS (KATUKINA), localizada na altura do km 60 da BR-364. A estrada possui apenas alguns trechos trafegáveis, com muita dificuldade, durante o inverno (novembro / maio). Subimos o Igarapé Lagoinha, afluente do rio Juruá, no barco da SUCAM, de 2 toneladas, motor 5HP, até a ponte situada no Km 26 (BR-364) durante 08 horas. Onde percorremos 15 km em 02 horas no caminhão do 79 BEC até o Projeto Fundiário Santa Luzia/INCRA. No dia seguinte (02 março), caminhamos (7 horas) até a Aldeia KATUKINA, onde permanecemos 05 dias. Regressamos no dia 07 de março para Cruzeiro do Sul.

A última área estudada foi a Jamináwa. Partimos no dia 11 de março em um barco de 7,5HP e durante um dia e meio subimos o Juruá. Os trabalhos foram realizados em 02 dias. Levamos 07 horas para chegar em Cruzeiro do Sul no dia 14 de março.

Voltamos para Rio Branco no dia 15 de março.

A equipe, nos períodos em que permaneceu na ci

dade, dava continuidade ao levantamento documental e organizava as viagens para as áreas. Em todos os grupos visitados, fazíamos duas reuniões: uma quando chegávamos, com o objetivo de explicar o motivo de nossa presença, outra ao sairmos para com a comunidade elaborarmos uma proposta de área.

Os dados contidos neste relatório foram obtidos, através da aplicação em campo, do roteiro de pesquisa elaborado pelo Grupo de Trabalho.

HISTÓRICO

Os Nukini afirmam que em tempos antigos habitavam a bacia do rio Jaquirana. Esta região no final do século XIX, foi atingida por peruanos engajados nas atividades extrativas do caucho.

É a partir dessa época que se inicia o extermínio organizado das populações indígenas (correrias) que tinham como objetivo liberar as terras ricas em caucho e incorporar nos trabalhos de coleta, os poucos índios sobreviventes. Aquino (1977:41) diz que "um dos métodos mais difundidos e utilizados pelos caucheiros consistia em escravizar um bom número de índios e índias ainda novos, eliminando os indivíduos maduros e anciões que não se adaptavam à nova situação e que eram tidos como elementos perturbadores. Afastá-los depois de seu lugar nativo era dispor de uma força de trabalho resignada e tranquila, trabalhando até a exaustão para o seu patrão".

O violento contato com os caucheiros levou a dispersão e ao quase extermínio dos Nukini. Segundo Carvalho (1931:252-53) em época não muito remota havia um grande aldeamento na margem direita do rio Jaquirana, de índios que se denominavam de Nucuiny (gente boa). Em 1926, encontra apenas algumas famílias espalhadas pelo Jaquirana, San Pablo e Contas. Afirma que os Nucuiny são conhecidos pelo nome de Remo porque possuem tatuagens semelhantes aos remos dos caucheiros.

Delvair (1977:37) observa que a tatuagem encontrada em alguns Nukini do Seringal República não apresentam este desenho. "A tatuagem da velha Luzia consta de 5 linhas horizontais da altura da orelha a boca, em ambos os lados do rosto, cobrindo toda a região do queixo com mais seis linhas verticais. No primeiro conjunto de linhas horizontais, nas faces, há uma linha em zig-zag, preenchendo o espaço de duas

linhas. Acima dessa faixa há uma linha pontilhada em ambas as faces".

Possivelmente, assinala Delvair, os Nukini (do Seringal República) pertenciam a dois grupos de descendência procedentes de diferentes regiões: a família dos Ronobakavô habitavam no rio Jaquirana e a dos Paribacavô, no rio Tapi - che.

Oppenheim (1936:151) em sua viagem ao vale do rio Tapiche encontra vários índios com tatuagens idêntica a dos Nukini do Seringal República. Comenta que estes índios vieram do rio Jaquirana e são chamados de Rhemus embora se auto-denominam de Nucuinis.

Os índios mais velhos contam que quando foram atacados pelos caucheiros, uma parte do grupo fugiu para a serra do Mõa, enquanto que a outra permaneceu no Jaquirana trabalhando nos cauchais.

Desde 1888 têm-se conhecimento sobre a presença de índios de língua Pano no rio Mõa (Branco, 1950:9). O Prefeito do Alto Juruã, Gregório Taumaturgo num relatório de 1905, afirma que existe um grande número de índios nas cabeceiras do rio Javari-Jaquirana (Branco 1950:15).

Em 1911, o engenheiro Máximo de Linhares, ajudante do Serviço de Proteção aos Índios localiza a duas horas de viagem da sede do Seringal Gibraltar, no alto rio Mõa cerca de 30 Nukini. Estes são chamados por ele de Inocú-ini' (onça venenosa e cheirosa). Informa que possuíam como chefe o índio Paribacavo, também conhecido entre os civilizados com o nome de Emílio (Linhares, 1913).

No ano de 1936, Oppenheim registra a existência de cerca de 10 famílias Nucuini no igarapé Ramon, afluente do rio Mõa. Comenta que este grupo quando habitava no Igarapé da República, afluente do rio Mõa, era muito numeroso, mas em consequência de febres epidêmicas foram reduzidos a poucas famílias.

Através dos depoimentos obtidos, percebe-se que os Nukini tinham uma mobilidade muito grande. Costumavam andar pelo rio Azul, igarapés Zê-zumira, Umaitá, Jordão, Novo Re

creio, Ramon e Igarapê da República. Após, uma epidemia que vitimou vários índios, resolvem regressar para o Jaquirana para se unirem a seus parentes. Quando estavam próximo a serra do Mõa foram atacados pelos Capatxo, índios caucheiros. Voltaram para o Igarapê da República onde segundo os Nukini, durante vários anos foram "iludidos" pelo Sr. Pedro de Oliveira, patrão do Seringal República, porque trocavam caucho por colares, roupas, alimentos e ferramentas. Depois, o patrão chamou-os, para trabalhar na extração de seringa e na agricultura.

Com a morte de Pedro de Oliveira, o Seringal passou a pertencer a seu filho, José Santana de Oliveira que continuou a fazer o mesmo "movimento com o caboclos". Isto é, fornecia mercadorias em troca de trabalho. Nesta época, no verão, viviam espalhados nas colocações cortando seringa, trabalhando no abate da madeira, na caça comercial, nos engenhos de açúcar e farinha.

Durante o inverno, mudavam para próximo da Sede do Seringal, nas margens do rio Mõa. Realizavam neste período, quando se reuniam, o CHIRI, a festa Nukini, para dançar e beber caçuma.

Há 26 anos aproximadamente, abandonaram este local, porque o atual patrão, Francisco Cordeiro (casado com a viúva de José de Oliveira) resolveu aproveitar as áreas das casas e dos roçados, para formar pastagens.

Hoje em dia, os Nukini tem nas atividades agrícolas o principal meio de subsistência e nos trabalhos como diaristas para o patrão (na seringa, na agricultura e no engenho de açúcar) a única forma de obter mercadorias - sal, açúcar, tecido, munição, etc.

LOCALIZAÇÃO

A grande maioria dos Nukini estão localizados no Seringal República, Município de Mâncio Lima, Estado do

MINISTÉRIO DO INTERIOR
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI

PROC. N.º

0909/81

FLS.

58

AMÉRICA

-07

Acre. Existe também, vários índios nas cabeceiras do rio Mõa, espalhadas pelos seringais da região e 4 outras famílias morando no igarapé Novo Recreio (afluente do rio Mõa). A única via de acesso aos diferentes aldeamentos Nukini é através do rio Mõa. Saindo de Cruzeiro do Sul, um barco de quatro toneladas com motor de 9HP, leva três dias para chegar ao Seringal República. Para voltar gasta-se um dia.

As casas dos Nukini estão situadas relativamente perto uma das outras e da sede do Seringal. São construídas obedecendo o estilo regional, duas águas, de madeira ou paxiúba, sob pilotis (não muito distante do solo), cobertas com folhas de jarina ou canarai.

De um modo geral, as casas tem uma "cozinha", com um fogão a lenha, uma mesa e alguns bancos, um "quarto" com redes ou camas, e uma "sala" que também, às vezes, possui bancos.

Os Nukini contam com uma população de 224 pessoas, assim distribuídos: 148 no seringal República, 23 no Igarapé Novo Recreio e cerca de 53 pelos seringais da região.

Existem 19 casamentos entre índios e regionais. Os filhos dessa união são considerados índios pelos Nukini.

As casas geralmente são compostas por um casal, seus filhos e algum agregado familiar.

Cinco índios são aposentados e apenas 2 ainda possuem restos de tatuagem característica dos grupos de língua Pano. Tanto os índios quanto os regionais não sabiam informar com exatidão a idade, por isso, na maioria dos casos estas foram por nós atribuídas.

Percêbe-se, examinando o quadro de faixa etária, um grande número de crianças e a existência de poucas pessoas com mais de 65 anos.

0 - 05	:	58
6 - 10	:	35
11 - 15	:	26
16 - 20	:	13
21 - 25	:	6
26 - 30	:	14
31 - 35	:	4
36 - 40	:	9
41 - 45	:	3
46 - 50	:	1
51 - 55	:	2
56 - 60	:	2
61 - 65	:	1
mais de 65	:	3

ATIVIDADES ECONÔMICAS

Os Nukini consideram a agricultura a principal atividade de subsistência. A produção agrícola é planejada de forma a atender as necessidades de consumo e de um pequeno excedente que pode ser comercializado junto ao patrão ou regatões. Estes são os únicos compradores de produtos agrícolas na região, e os índios se vêm na contingência de aceitar os preços por eles estipulados.

As áreas cultivadas variam em torno de 2 a 8 tarefas (01 hectare corresponde a 4 tarefas) e estão localizadas próximo às moradias. Disseram que aumentariam a roça se contassem com meio de armazenar e transportar a produção para a cidade, onde poderiam obter um preço melhor.

Plantam: mandioca, milho, arroz, abóbora, feijão, batata-doce, inhame, taioba, banana e melancia.

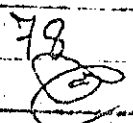
Perto das casas existem vários pés de goiaba, laranja, tangerina, beribá e abacaxi. Algumas famílias cultivam pequenos canteiros suspensos contendo cheiro-verde, pimentão, salsa e couve.

As ferramentas agrícolas são compradas na cidade de Cruzeiro do Sul, quando possuem dinheiro ou no barracão do patrão, em troca de trabalho. Utilizam o machado, o terçado, a máquina de plantar e a enxada.

As roças pertencem a família nuclear e são cuidadas, às vezes, com o auxílio de parentes consanguíneos ou afins. Sempre que os serviços de derrubadas estão atrasados, realizam a troca de dia de trabalho ou pagam a diária (em fevereiro/84, um trabalhador recebia cr\$ 2.000,00 por dia). Isto ocorre, na maioria das vezes porque interrompem o preparo da roça para trabalhar para o patrão, quando há necessidade de obter dinheiro ou mercadoria.

Os trabalhos de abertura de novos roçados são iniciados após o término das chuvas no mês de maio. Os homens utilizam o terçado para limpar a vegetação rasteira num trecho de mata virgem. Depois, com o machado, derrubam

MINISTÉRIO DO INTERIOR
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI

PROC. N.º 0909/81
FIC. 78
RUBRICA  - 27-

as árvores e arbusto maiores.

No final de setembro, quando o mato está bem seco, juntam os galhos e troncos para fazer a queimada. As mulheres cooperam no plantio realizado em outubro com as primeiras chuvas. Usam a enxada e a máquina de plantar para se mear.

O solo é produtivo durante dois ou três anos na área de mata derrubada. No primeiro ano fazem o plantio do milho, arroz, mandioca, batata-doce, taioba e inhame. No ano seguinte, plantam feijão, mandioca, abóbora e melancia. Depois o roçado é abandonado e se transforma em capoeira. Somente vários anos depois volta a ser utilizado.

A mandioca e o inhame levam respectivamente 6 meses e um ano para se desenvolverem. Os demais produtos após 3 ou 4 meses podem ser colhidos.

As sementes são guardadas na casa do produtor. A exceção é a mandioca que pode ficar enterrada na roça até 3 anos sem se estragar.

O principal produto cultivado é a mandioca que depois de transformada em farinha é consumida praticamente todos os dias. A preferência pela farinha como alimento básico é atribuído ao fato de conservar-se por longos períodos sem se estragar. Preparam-na em casas de farinha localizadas não muito distante da roça. Quando chega a época de fabricar a farinha o dono da engenhoca acompanhado de seus filhos, cunhados ou amigos que moram próximos a sua casa, transportam as raízes da roça em animais de carga (gado) para a casa de farinha.

As mulheres e crianças descascam os tubérculos de mandioca que são passados pelos homens no ralador movido por um motor de 3HP. A massa obtida é colocada na prensa que funciona através de um sistema de alavanca. Depois de seca, a massa é peneirada e levada para o forno num tacho medindo cerca de 2 metros de diâmetro. A farinha obtida é armazenada em paneiros que têm uma capacidade média de 30 a 40 Kgs.

Apenas 4 índios possuem casa de farinha, que

MINISTÉRIO DO INTERIOR
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI

PRCC. N.º

FLS.

RUBRICA

0008/81

49

- 28 -

são alugadas para aqueles que necessitam, mediante o pagamento de 10% da produção.

Como produzem apenas o necessário para o consumo, recebem constantes reclamações do patrão que parou de plantar mandioca porque segundo afirmou, o trabalho não compensa. Atualmente têm dificuldades para abastecer o barracão e alimentar os animais (gado bovino, porco e galinha). Compra de regionais e dos Poyanáwa um paneiro de farinha por cr\$ 3.000,00 e revende cr\$ 1.000,00 mais caro.

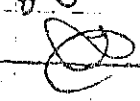
A produção de açúcar ocupa um lugar privilegiado entre todas as outras atividades, porque, é a única alternativa que os Nukini possuem para obter artigos industrializados.

No Seringal República o patrão possui um engenho bem equipado que tem capacidade para fabricar cerca de 18 paneiros de açúcar por dia. A cana é plantada em períodos espaçados para que a colheita se faça aos poucos, o que permite manter o engenho funcionando de 2 a 3 dias por semana durante quase todo o ano. Quando o maior canavial amadurece, em junho, os Nukini trabalham até 3 semanas seguidas na produção do açúcar. Recebem por dia de trabalho, em açúcar ou mercadoria (munição, roupa, óleo, sal, etc). A remuneração varia conforme a tarefa: no canavial o trabalhador ganha para plantar e cortar cana cr\$ 2.000,00; no engenho o foguista (alimenta o forno) cr\$ 5.000,00; o apurador (controla a fervura da garapa para dar o ponto de mel) cr\$ 4.000,00; o quebrador (transforma o mel em açúcar) cr\$ 3.500,00 e o moedor (coloca a cana na moenda) cr\$ 3.500,00. O açúcar é vendido por cr\$ 500,00 o Kg ao longo do rio Mõa e na cidade de Cruzeiro do Sul.

O suprimento de carne provém da caça e da pesca sendo complementado por uma pequena atividade criatória.

Em todas as casas, encontram-se um reduzido número de patos, galinhas e porcos. Geralmente são consumidos, nos meses de janeiro e fevereiro quando há maior escassez de alimento. Também podem ser comercializados desde que se

MINISTÉRIO DO INTERIOR
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI

PROC. N.º 0009/81
FLS. 80
RUBRICA  - 29 -

ja necessário obter dinheiro ou mercadorias no barracão. Atualmente, um quilo de porco custa cr\$ 800,00, uma galinha cr\$. 2.000,00 e um pato cr\$ 2.000,00.

Através da venda de produtos agrícolas e trabalhando na diária para o patrão alguns índios adquiriam gado bovino e cavalos. Como os animais permanecem no pasto do patrão, os seus proprietários têm que pagar o "dízimo", isto é, brocam uma quadra do campo todos os meses. Fazem o serviço em dois dias.

A caça é uma atividade masculina. Preferem caçar sozinhos, mas pode ocorrer que um homem se faça acompanhar por algum "parente" ou amigo mais jovem. Às vezes, mulheres (viúvas ou separadas) caçam com o auxílio dos filhos menores. O sucesso das caçadas depende do conhecimento que o caçador possui sobre o hábito dos animais como os lugares tradicionalmente frequentados por cada espécie, principalmente os bebedouros e as árvores de cujos frutos se alimentam. Para caçar utilizam espingardas calibres 24, 28, 32 e 36. Abatem o veado, o caçitu e a paca com maior frequência. A anta e aves como papagaio, mutum, jacumim, e inhambú dificilmente são encontrados. Não gostam de matar macaco porque gasta muita munição. No barracão compram 100 gr. de chumbo por cr\$ 1.000,00, 1 espoleta 50 e 60 por cr\$ 100,00 e um quilo de chumbo por cr\$ 10.000,00. A escassez de animais de caça faz com que se desloquem grandes distâncias, muitas vezes permanecendo vários dias na mata. Na região, durante vários anos o comércio de carne e pele foi a principal fonte de renda da população local. Os Nukini estiveram engajados na caça comercial até o final da década de 70. Ainda hoje, dois índios trabalham como caçadores para o patrão. Recebem cr\$ 1.000,00 por quilo de carne.

As áreas de caça estão localizadas nas terras altas e nas cabeceiras dos igarapés República e Meia-Dúzia.

A pesca é uma tarefa individual que pode ser executada tanto pelos homens quanto pelas mulheres. Consideram-na de grande importância alimentar. Por isso, afirmam

que no período que as pescarias são mais rendosas, durante o verão, existe maior fartura de alimentos.

A pescaria na estação seca (verão) é feita principalmente com a tarrafa nos lagos formados durante a vazante do rio Mõa e no igarapê Meia-Dúzia; usam a manga no inverno, nas margens do rio Mõa; e o anzol em qualquer época do ano. Quando ocorre a piracema no mês de novembro deslocam-se para a boca do igarapê República e pescam com todos os meios possíveis: terçado manga, tarrafa, e pequenos paneiros. Os peixes mais comuns são o piau, piranha, pacu, mocinha, surubim e traira.

Embora o uso do artesanato seja bastante difundido, somente 4 mulheres confeccionam potes de cerâmica e cestos de cipó - um pote de cerâmica é vendido por cr\$ 5.000,00 - o jamachim e o casuá, utilizados no transporte de cargas, são vendidos por cr\$ 4.000,00 ou cr\$ 5.000,00 conforme o acabamento, e o paneiro usado para colocar farinha ou açúcar custa cr\$ 2.000,00.

Utilizam para fazer o piso e as paredes das casas, a paxiúba, o cedro, o amarelinha e o aguano. O teto é coberto com folhas de jarina ou canaraí. As palmeiras são encontradas em grande quantidade, nas margens do igarapê República e as madeiras de lei estão localizadas nos centros, em lugares de difícil acesso. Aquelas que existiam por perto foram retiradas e vendidas para o patrão.

O artesanato raramente é pago com dinheiro. De modo geral, trocam por coisas como galinha, pato, farinha, etc, ou por dia de trabalho na roça.

PROGRAMA SOCIAL E CULTURAL

Arquivo
de documentação
do trabalho

parentes em consequência da violência dos caucheiros e de doenças contagiosas o grande número de casamentos com regionais porque, segundo afirmam, não podem casar dentro do grupo uma vez que os caboclos do seringal República são em sua maioria primos "legítimos".

Atualmente apenas alguns Nukini sabem falar a língua materna. Não realizam as festas tradicionais e param também de fazer os "bailes" e jogos de futebol porque nestas ocasiões consumiam grandes quantidades de cachaça e geralmente ocorriam vários conflitos. Se consideram católicos e uma vez por ano recebem a visita de um padre que celebra casamentos e batizados na casa de um regional.

As relações entre o padre e o patrão não são boas porque este último é amasiado com uma índia e não quer casar no religioso. Por isso, as cerimônias deixaram de ser realizadas na sede do seringal.

Falam que o relacionamento com o patrão é bom. Somente por causa do trabalho ocorrem atritos que de um modo geral são rapidamente esquecidos.

Em 1983, através de eleição escolheram 2 chefes. Possuem como principal atribuição representar o grupo junto à sociedade nacional.

EDUCAÇÃO

No seringal República existe 3 escolas: uma próxima a sede com 22 alunos, outra no Paranã do meio que passará a funcionar este ano (1984) e a última no igarapé República com 50 alunos.

As informações sobre as escolas foram obtidas junto aos pais dos alunos porque as professoras encontravam-se em Cruzeiro do Sul cursando o 2º grau através de um programa especial de férias promovido pela Secretaria Estadual de Educação.

As escolas são feitas de madeira, contam com um armário, uma mesa e um quadro negro; a do igarapé Repúbli

0909/81
83
-32-

ca não possui carteiras, a da sede tem 25 e a do Paraná do Meio 12. Recebem uma vez por ano material didático (giz, livro, caderno, borracha e lápis) e no início de cada semestre merenda escolar insuficiente para o número de alunos.

O currículo adotado nas escolas é o mesmo vigente no Estado. As aulas iniciam em março e terminam em novembro. As férias ocorrem nos meses de julho, dezembro, janeiro e fevereiro.

As professoras são contratadas pela Prefeitura Municipal de Mâncio Lima, lecionam ao mesmo tempo as 4 primeiras séries do 1º grau. Os velhos são bilingue e as crianças aprendem somente o português.

S A Ú D E

A base da alimentação dos Nukini é constituída de farinha, mandioca e arroz, sendo muito pobre em proteína animal. Mesmo assim, o estado de saúde dos índios, aparentemente é bom.

Segundo os Nukini a diarreia, o dordolhos, a verminose e a gripe são muito comuns, principalmente entre as crianças.

Quando alguém adocece, de um modo geral, recorre ao patrão que para qualquer tipo de doença receita antibióticos. Se o caso for grave, o doente é transportado para Cruzeiro do Sul.

Conhecem remédios do mato para gripe, dores de barriga e cabeça. Contudo, somente são utilizados quando não possuem condições para adquirir medicamentos no barracão.

Periodicamente (uma ou duas vezes por ano) são visitados por uma equipe volante de saúde da SUDHEVEA que em janeiro de 1984, além de realizar atendimento médico e odontológico, vacinou todas as crianças.

Até 1981, os Nukini receberam, pelo menos 1 vez por ano, a visita do Projeto Rondon que atuava extraíndo dente e distribuindo remédios.

0909/81

84

- 33-

Fazem dois anos que a SUCAM também parou de atuar na região suspendendo a dedetização das casas, por falta de veneno. Neste período não ocorreram casos de malária.

O abastecimento de água é feito nos igarapês e cacimbas próximo as casa. Algumas famílias queimam o lixo e os dejetos não recebem tratamento.

IDENTIFICAÇÃO DA ÁREA

As terras pleiteadas pelos Nukini incidem em parte dos seringais Timbaúba, São Salvador, República, Aquidabam e Novo Recreio.

No seringal República, o patrão tem um engenho de açúcar e outro de farinha, 30 cabeças de gado, 11 cavalos e 20 porcos. Possui campo de pastagem (natural e formado) com cerca de 7 ha e um canavial com perto de 10 ha.

Na área identificada pelo G.T. residem famílias de regionais:

- no seringal Novo Recreio - Antonio Monteiro Cruz com 5 pessoas.
- no seringal República - João Batista Diniz com 10 pessoas; Francisco Antonio de Oliveira Filho com 10 pessoas; Francisco Bernado Cordeiro com 5 pessoas; Francisco Rodrigues Moreira com 10 pessoas.
- no seringal Renascença - Mario Marques com 7 pessoas.
- no seringal São Salvador - Adalberto Antonio Fernandes com 8 pessoas; Ademir Marques com 7 pessoas; Vivaldo de Souza Fernandes com 6 pessoas; Francisco Antunes com 8 pessoas; Francisco Batista da Silva com 4 pessoas; Sebastião Ribeiro da Silva com 8 pessoas.

De um modo geral, estas famílias trabalham como diaristas e na extração da seringa. Desenvolvem agricultura

ra de subsistência e possuem uma pequena criação de galinha, porco e pato. O levantamento das benfeitorias e os respectivos valores estão contidos nos Laudos de Vistoria e Avaliação elaborados pelo G.T.

Os Nukini em virtude da escassez de matéria-prima e de animais de caça e pesca, são obrigados a fazer um grande esforço percorrendo longas distâncias para obter o mínimo necessário à subsistência. Como consequência, percebe-se simultaneamente um incremento nas atividades agrícolas com a expansão das áreas cultivadas e um maior engajamento nos trabalhos como diaristas, na produção de açúcar, para o patrão; o que lhes permite adquirir as mercadorias que necessitam. Esta é a alternativa encontrada pelos índios, para superar a atual limitação de recursos existentes na região.

De certo modo, a comercialização do pequeno excedente agrícola e a venda da força de trabalho possibilitou ao grupo, a permanência em seu território tradicional evitando-se assim, o deslocamento para outro lugar que oferecesse melhores condições de sobrevivência.

A FUNAI ao regularizar as terras pertencentes aos Nukini, deve levar em consideração que o grupo encontra-se dentro do sistema de barracão. Sendo assim, para os índios, o patrão tem uma importância fundamental pois é quem lhes fornece os bens industrializados, considerados hoje em dia, indispensáveis. Portanto, para que haja uma atuação eficaz junto aos Nukini, cabe ao órgão tutor preencher este papel, fornecendo mercadorias ao mesmo tempo que propicia condições para a formação de um cooperativa de produção e consumo administrada pelas lideranças indígenas. Desta forma, torna-se possível a ocupação produtiva das terras independente dos vínculos com o sistema de dominação local.

A grande maioria dos Nukini residem não muito distante uns dos outros, próximo a sede do seringal República. Atualmente existe algumas famílias espalhadas pelo alto rio Mõa e 4 outras no igarapé Novo Recreio, trabalhando na extração de seringa. Estes manifestaram a intenção de mudarem para área eleita, desde que seja demarcada e a FUNAI eric

condições para que se desloquem através da aplicação de recursos possibilitando-os desenvolver atividades extrativas e agrícolas.

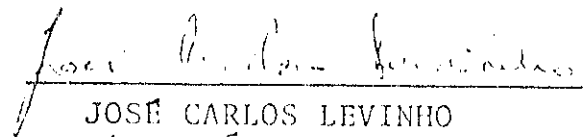
Os Nukini do seringal República coletam frutas silvestres e matéria-prima para a produção artesanal nas margens dos igarapês. Retiram na mata do seringal madeira e palha para a construção das casas. Costumam caçar nas terras altas e nas cabeceiras dos igarapês República, Meia-Dúzia e Montivideu. As pescarias são realizadas na estação seca (de maio a outubro) no rio Mõa e no igarapé Meia-Dúzia; durante o inverno na boca do igarapês República e Timbauba. Existe apenas um cemitério localizado na sede do Seringal, perto da casa do patrão.

A área identificada pelo G.T., e considerada necessária para a subsistência pelos Nukini, está identificada na planta e respectivo memorial descritivo, em anexo.

Baseado no histórico do grupo, entendemos que as terras ocupadas pelos Nukini são de posse imemorial segundo o artigo 23 da lei 6.001.

PROPOSTA

1. Demarcação da área identificada, indenização e reassentamento dos moradores;
2. Instalar uma enfermaria e contratar um atendente de enfermagem;
3. Adquirir um barco com motor de 9HP afim de permitir aos índios escoar a produção agrícola e de seringa em Cruzeiro do Sul;
4. Implantar uma cantina reembolsável.


JOSE CARLOS LEVINHO
Antropólogo ID-2



MINISTÉRIO DO INTERIOR
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI

PROC. N.º 908/81
49
[assinatura]

PORTARIA N.º 1619/E de 30 de janeiro de 1984

O PRESIDENTE DA FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO, no uso das atribuições que lhe conferem os Estatutos, e tendo em vista o que consta dos Processos FUNAI/BSB/909/81, 908/81, 4456/78, 5406/79, e face à EM 062/80 e o Decreto nº 88.118/83,

RESOLVE:

I. Designar os servidores JOSÉ CARLOS LEVINHO - Antropólogo, AÚREO ARAÚJO FALEIROS - Engenheiro Agrimensor, ambos lotados na 8ª DR (AJACRE); LUIZ CARLOS NOGUEIRA DA SILVA - Engenheiro Agrônomo e REGINALDO COSTA SANTOS - Técnico em Agricultura e Pecuária, estes últimos pertencentes à DPI, os quais sob a coordenação do primeiro e acompanhados pelo servidor LEO CARDO PACHECO - Técnico Agrícola do INCRA, irão promover o estudo de levantamento de campo, visando a definição das Áreas Indígenas NUKINI e POYANAWA, Município de Mâncio Lima; JAMINAWA e CAMPINAS, Município de Cruzeiro do Sul, Estado do Acre, bem como, o respectivo levantamento fundiário, com vistas ao Decreto supra referenciado.

II. O levantamento fundiário juntamente com o estudo da definição das Áreas Indígenas a ser apreciado pelo Grupo de Trabalho instituído pelo citado Decreto nº 88.118/83, consta

[assinatura]

Cont. PORTARIA Nº 1619 /E, DE 30 DE JANEIRO DE 1984

rã de vistorias de benfeitorias implantadas de boa-fé por não índios, consideradas úteis e necessárias, inseridas nos limites a serem propostos, referentes aos Processos citados, visando inclusive, a natureza da ocupação, contingente populacional e conflitos existentes, mediante a identificação de posses, domínios e levantamentos documentais em cartório, de certidões de registro e respectivas cadeias sucessórias. Este levantamento incluirá consultas junto ao INCRA, ITERAM e Instituto de Terras do Acre, com o objetivo de colher informações sobre a atuação destes órgãos nas áreas em apreço.

III. Determinar o prazo de 30 (trinta) dias para execução dos trabalhos.

Octavio Ferreira Lima
OCTAVIO FERREIRA LIMA
Presidente